

# Do discurso da Ciência do Turismo para a Ciência do Turismo<sup>1</sup>

MARIO CARLOS BENI \* [beni@usp.com]

MARUTSCKA MOESCH \*\* [marumoesch@gmail.com]

**Resumo** | O artigo pretende avaliar a pertinência da ciência do turismo, através da apropriação dos conceitos, das teorias, dos métodos e modelos. A visão tradicional do estudo do turismo, influenciada pela propositura epistemológica, constitui um objeto interdisciplinar, pelo conjunto de fatores culturais, sociais, econômicos, políticos e antropológicos. O artigo apresenta três eixos primordiais. O primeiro eixo centra-se numa discussão sobre a possibilidade de o turismo ser uma disciplina tecida nos anos 1980, e os modelos explicativos pela teoria sistêmica como o SISTUR. O segundo aborda a teoria da complexidade, com a concepção epistêmica da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade pelas mãos de Edgar Morin (2000) e E. Jantsch (1980). O objetivo deste eixo é mostrar que o saber de turismo não é linear, que o turismo é inter e transdisciplinar e o princípio de auto-eco-organização tem valor hologramático, a fim de libertar o turismo das amarras disciplinares. Isso explica o terceiro eixo, que incide sobre os esforços feitos sob a teoria da complexidade como o sistema orgânico do turismo: ecossistema turístico e a reconstrução das categorias do objeto do turismo cuja totalidade se expressa como fenômeno humano.

**Palavra-chave** | Turismo, epistemologia, ciência, transdisciplinaridade, teoria da complexidade

---

<sup>1</sup>Este artigo encontra-se parcialmente reproduzido no congresso da ANPTUR realizado em 2015 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

\* **Doutor em Ciências da Comunicação** pela Universidade de São Paulo. **Livre Docente** em Turismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. **Docente** no curso da pós-graduação em Turismo na Universidade de Brasília. **Coordenador** do Projeto de Pesquisa – Desenvolvimento Territorial, endogenia e redes de cooperação a partir do Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil do Ministério do Turismo

\*\* **Doutora em Comunicação e Turismo** pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. **Professora Adjunta** da Universidade de Brasília, na graduação em Turismo e no Programa de Mestrado em Turismo e **coordenadora** do Mestrado Profissional em Turismo da Universidade de Brasília e **líder** do Núcleo de Políticas Públicas em Turismo do Programa de Mestrado em Turismo (NPPTUR).

## 1. Introdução

A reflexão epistemológica impõe aos próprios pesquisadores os instrumentos de conhecimento dos quais as ciências dispõem, reflexão com vista a superar as crises revendo a pertinência dos conceitos, das teorias e dos métodos diante das problemáticas que são objeto de suas investigações razão desse artigo. Esse processo de produzir ciência tem por princípio a universalidade que deve conter cada conceito, pois sua validade não pode ser generalista e nem ocasional, mas sim, produto do movimento da história, em que: “[...] Em primeiro lugar, o ser em seu conjunto é visto como um processo histórico; em segundo, as categorias não são tidas como enunciados sobre algo que é ou que se torna, mas sim como formas moventes e movidas da própria matéria: “formas do existir, determinações da existência” (Luckás,1978).

A Ciência não é uma leitura da experiência a partir do concreto. Fundamentalmente, consiste em produzir, com a ajuda de abstrações e de conceitos, o objeto a ser conhecido. Ela constrói o seu objeto próprio pela destruição dos objetos da percepção comum. Seu progresso não se faz por acumulações ou novas verdades que vêm justapor-se ou sobrepor-se às já estabelecidas. O saber de Turismo não é linear. Não há evolução, mas “revolução”, progredindo por reformulações, por refusões no seu corpo teórico, por retificações dos seus princípios básicos. É assim que ela marcha em direção a um saber sempre mais objetivável, jamais inteiramente objetivo.

Até metade do séc. XX, a maioria das ciências tinha como método de conhecimento a especialização e a abstração, ou seja, a redução do conhecimento de um todo ao conhecimento das partes que o compõem (como se a organização de um todo não produzisse qualidades novas em relação às partes consideradas isoladamente). Sob a matriz de Bacon, Vico e Montesquieu, o seu conceito básico era o determinismo, por outras palavras, a ocultação da alteralidade, da novidade e a aplicação

da lógica mecânica, como uma máquina artificial aos problemas dos seres vivos da sociedade. Bacon (1933) afirma a plasticidade da natureza humana e, portanto, a sua perfetibilidade, dadas as condições sociais, jurídicas e políticas adequadas de as determinar com rigor.

Sem dúvida o conhecimento deve utilizar a abstração, mas também deve tentar construir-se em relação com o contexto e, portanto, mobilizar o que o sujeito sabe sobre o mundo. A compreensão de dados particulares só pode ser pertinente para quem exercita e cultiva a sua inteligência geral, utilizando os seus conhecimentos gerais em cada caso particular. Marcel Mauss afirmava: “É preciso recompor o todo”.

A tradição cartesiana, predominante no saber científico do turismo, fundamenta a análise na separação do todo em categorias, pressupondo que um campo de saber é suficiente para analisar e organizar as partes constituintes desse todo. A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, aqui proposta como atitude científica, é fundamental à análise do Turismo enquanto fenómeno social, cultural, comunicacional, económico, possuidor de uma prática social e, por isso, também subjetivo, o que para seu entendimento coloca o pesquisador avançando as fronteiras de uma única disciplina ou de um único campo do saber.

Uma epistemologia do Turismo envolve cuidados teóricos, advindos de um entendimento complexo sobre uma prática social que se dissemina de formas diferenciadas, a partir de subjetividades infinitamente diversas e de vivências múltiplas dos sujeitos que as praticam, em territórios globalizados o que se possibilita por uma visão ecossistémica e hologramática.

A conceção interdisciplinar vem ao encontro do método investigativo. Impõe um exercício fecundo sob o ponto de vista epistemológico, não deixando de salientar a sua demasiada ousadia, diante dos nichos particularistas existentes na academia, onde os clássicos campos do saber são criteriosamente delimitados. O turismo é bem mais que estas con-

ceituações reducionistas sob olhar disciplinar que o caracterizam como setor/atividade dos estudos de econometria.

Os estudos de uma episteme do turismo demonstram que o seu epicentro é de caráter humano, pois são os turistas que se deslocam e não as mercadorias. Isso implica, posteriormente, o esforço de uma argumentação sistemática desta realidade no que tange ao seu conhecimento. Basta que se pense na série importante de inter-relações sociais que derivam do comportamento “consumidor–turista”, com as comunidades dos destinos turísticos e todo o complicado processo de identificação do turista com o grupo ideal (a exemplo da segmentação turística), ou efetivo, que determina a escolha da localidade de destino.

O que leva a busca de novas trilhas teórico-metodológicas na construção de uma epistemologia do turismo, as quais já foram desbravadas desde os anos de 1980, quando pesquisadores brasileiros, preocupados com a apreensão científica do objeto do turismo e seus modelos interpretativos, construíram, para além de uma visão disciplinar e restrita, modelos sistêmicos e categorias analíticas. Essas teorias foram publicadas em obras como *Análise Estrutural do Turismo* (1988) e *A Produção do Saber do Turismo* (2000), entre outras.

O artigo proposto trata-se de uma análise teórica com pressupostos da sociologia compreensiva e da teoria da complexidade (Morin), por auxiliar no desvelamento deste caminho epistemológico contribuindo, de forma tangencial ou direta, para a compreensão da complexidade do Turismo: um fenómeno marcadamente multissetorial na sua produção objetiva, subjetivo na sua prática social e transdisciplinar na sua teoria.

Construir um novo campo teórico para o Turismo requer um método que avance na conceção do que seria conhecimento, ciência e teoria. O tratamento disciplinar que vem sendo dado ao estudo do Turismo tem dificultado em sua superação como setor económico e fez parte do contexto da produção do conhecimento científico na moderni-

dade. Hoje, dentro dos desafios do mundo contemporâneo, urge desvelar as relações ecossociais dos sistemas complexos em que se constitui o Turismo.

Compreender a problemática do desenvolvimento crescente do turismo é relevante não só à medida que seus produtores, vendedores, intermediários e consumidores continuam produzindo, vendendo e consumindo sem limites ou critérios, sem outro fim que o próprio benefício do primeiro e a satisfação egoísta do consumidor, mas pela persistência do problema, disfarçado nas conceções implícitas do seu conceito como negócio, que invade o tratamento das localidades e culturas, como as demarcam as ações das políticas públicas.

Essa postura, de uma cultura de mercado capitalística, desconhece e desconsidera a essência do fenómeno turístico, o qual exerce uma pressão crescente sobre a produção da subjetividade social, o ecossistema, o modo estético e a herança cultural, existentes nas localidades, gerando agenciamentos possíveis de resignificação junto à realidade, através da relação entre visitantes e visitados cada vez mais fugaz. Turismo é processo humano, ultrapassa o entendimento enquanto função de um sistema económico. Como um processo singular, necessita de resignificação às relações impositivas, aos códigos capitalísticos e aos valores colocados como patrimonialização cultural.

## 2. As bases epistemológicas do Turismo

Cabe colocar a compreensão de epistemologia, a qual tratar-se-á nesse artigo, em como e sob que condições de objetividade do conhecimento científico, dos modos de observação e de experimentação que examinam as relações que as ciências estabelecem entre os fatos. Proporciona os pressupostos gerais em que se apoiaria a criação de uma teoria particular –teorias do turismo.

As doutrinas que fundamentam a elaboração

da teoria, determinarão o conteúdo e o método da mesma. Mas nessa construção há uma intencionalidade, a do sujeito (pesquisador), a do objeto como expressão da realidade a que pertence e da concepção de ciência (estrutura do conhecimento) que o apreenderá conforme o método utilizado. Relações determinadas e determinantes do processo de construção do objeto turismo, conforme mostra a figura 1, abaixo:

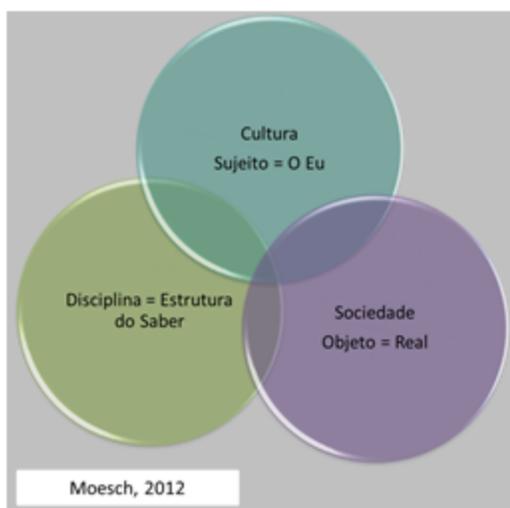


Figura 1 | Relações do processo de construção do objeto turismo

Dentro do campo paradigmático interdisciplinar o modelo é uma construção metodológica que se operacionaliza em dois momentos: o da construção e reconstrução da estrutura do objeto, e o momento da construção e reconstrução do processo de conhecimento. Para construir uma ciência do Turismo deve-se ir muito além da construção de uma metodologia, já que esta não deve ter um fim em si mesma, mas ser um meio para se atingir o fim cognitivo. O que se deduz ser necessário, mas não ser suficiente, a construção de modelos explicativos, a exemplo dos modelos sistêmicos do turismo.

Compreendendo paradigmas como constelações de crenças e valores e técnicas partilhadas por membros de uma comunidade científica, que se referem aos modelos, padrões compartilhados

que permitem a explicação de certos aspetos da realidade, por serem pertinentes a uma época são biodegradáveis. Para estruturar novas teorias sobre “o que é o turismo” requer uma discussão lógica entre um conjunto de conceitos-mestres do campo do turismo que permearam as suas explicações ao longo desses anos. O que seria uma discussão nuclear ao mesmo tempo linguística, lógica e ideológica (Morin, 2000) sobre o paradigma de abordagem não fragmentada e racionalista, reafirma uma visão do mundo em que há perfeita concordância entre as formas de explicação racional e a realidade do universo, excluindo, dessa forma, outras possibilidades de explicação, ou seja, “a verdade é que a ordem e a estabilidade do mundo são pré-condição da transformação tecnológica do real” (Santos, 2002, p.64). Paradigma instaurado sob o método hipotético-dedutivo que banha os estudos sobre o que é turismo.

Sem dúvida o conhecimento deve utilizar a abstração, mas também deve tentar se construir em relação ao contexto e, portanto, mobilizar o que o sujeito sabe sobre o mundo. A compreensão de dados particulares só pode ser pertinente para quem exercita e cultiva sua inteligência geral, utilizando seus conhecimentos gerais em cada caso particular.

A forma como os estudos sobre o turismo vem sendo propostos em diferentes territórios na contemporaneidade coloca a urgente questão sobre as teorias interpretativas que o formatam, pois traduz as concepções de conhecimento monodisciplinar, multidisciplinar, quiçá interdisciplinares, implícitas e subjacentes às propostas dos seus modelos ocasionando sérias implicações éticas, sociais e políticas, impactadas pelas suas práticas turísticas. Pois é no bojo da complexidade dessas práticas e seus impactos às comunidades que este artigo suscita reflexão.

### 3. A Teoria sistémica na construção da epistemologia do turismo

A Teoria Geral dos Sistemas preconizada por Von Bertalanffy busca entender a parte a partir do todo, e aceita que o universo só é conhecido pelas relações entre suas partes, sempre em mudança, inter-relacionadas, organizadas em sistemas. Identifica propriedades estruturais que se manifestam em sistemas de diferentes campos científicos. Partindo do princípio de que as partes não podem ser conhecidas de forma isolada, mas sim dentro do sistema aberto a que pertencem, que as relações não são causais e unidirecionadas, mas circulares, e que o todo é diferente da soma entre as partes.

A Teoria Geral dos Sistemas foi uma concepção básica para o estudo das organizações. Os sistemas penetram em diversos campos científicos e tecnológicos. Thomas Kuhn (1975) afirma que representou uma revolução científica, um novo paradigma no pensamento científico, um novo modo de pensar. “Um sistema é um conjunto do qual nenhum dos elementos pode ser modificado sem provocar uma modificação nos demais” (Abbate, 1978, p.).

Já o método analítico consiste em dar um modelo que mostre o real como construído, considerando-se seus elementos e base. Para encontrar um modelo adequado, os pesquisadores tentam determinar todos os componentes de um sistema para reconstruí-lo. Costuma-se opor esse método ao “método sistémico”, que se interessa menos pela reconstrução de um sistema de base em seus componentes, mas privilegia a compreensão do sistema como um todo. Segundo esse método, consideram-se como primordiais as interações entre os componentes, a ponto de considerar o sistema como uma caixa preta sobre a qual se vai avaliar o efeito dos diferentes inputs sobre os outputs.

O quadro sistémico de análise reconhece numa problemática qualquer de pesquisa a predominância do todo sobre as partes e, por conseguinte,

aborda seu objeto sob a forma coerente e globalizante de uma rede de relações. Tal quadro tende a prestar contas da totalidade das realidades sociais estudadas, privilegiando seus aspectos estruturais, querendo aprende-los através do conjunto e das relações mútuas entre estes últimos. O todo social é visto como sistemas de indivíduos relacionados entre si.

Para o quadro interpretativo sistémico toda coisa é um sistema, ou um componente de algum sistema, onde um sistema é desde sua génese um objeto complexo cujas partes se mantêm unidas por vínculos de uma ou mais classes. Em particular, todas as características da sociedade –económicas, culturais, e políticas – formam uma peça única. Mesmo distintas, são inseparáveis. O sistemismo claramente engloba tanto ao individualismo, pois tem em conta a composição, com ao holismo, dado que enfatiza a estrutura da organização.

Os funcionalistas sistémicos, a exemplo de Parsons, entendem que a sociedade forma um todo funcional, sistémico; conseqüentemente, o Turismo passa a ser um subsistema económico dentro do mercado produtivo internacional. A mesma concepção metodológica é proposta por Leiper (1979) o qual propõem uma abordagem de sistemas ao estudo académico do turismo por ter implicações potenciais em diversas áreas e em muitos níveis de análise. Para o autor na pesquisa académica o sistemismo pode servir como ponto de referência para estudos gerais e específicos, permitindo estudar sua estrutura e a ênfase em conexões existentes entre, e dentro de vários elementos do sistema: como impactos comerciais, aplicações potenciais em diversas áreas da indústria turística, principalmente em empresas multisetoriais que operam em diversas localidades. Pode ser particularmente útil para o planeamento do marketing, assim como um governo pode usar a estrutura para reconhecer relações de sua unidade eleitoral geográfica no sistema turístico completa Leiper (1979).

Lanquar (1984) aplica a teoria dos sistemas à gestão dos recursos humanos na organização turística, pois para ele é uma abordagem moderna que trata a empresa como um conjunto ou sistema de partes e subsistemas (estes subdivisíveis) e de variáveis mutuamente independentes, onde a empresa turística é uma parte do sistema econômico, e social, que pode ser considerada como um conjunto de organizações decorrentes e cooperantes, assim a empresa é o repartidor último dos recursos ou a célula última do sistema de inputs-outputs. Com frequência o sistemismo se confunde com o holismo, em particular com o conceito de sistemas de ação de Talcott Parsons (1951). Sua versão holista e idealista do conceito de sistema, além de sua obscura teoria, produziu o descrédito da própria palavra sistema entre os estudiosos da sociedade.

Parsons coloca que a sociedade pode ser comparada a um sistema autorregulável. Sentencia um otimismo quanto à estabilização das economias em crescimento e o progresso social. Todas as crises, revoluções, são vistas como rearranjos internos tendo como horizonte a otimização do desempenho da sociedade. Para sua teoria a sociedade é una, um todo consistente, um sistema, um conjunto de elementos ordenados pela razão, organizada através da imposição dos limites sobre as partes. Estes limites demarcam os campos do saber e do poder, como espaços sociais diferenciados, construindo uma visão reducionista e unidimensional da relação existente entre saber-poder. Tal visão impõe uma mutilação do real, na qual o outro é uma parte do todo, una e, portanto, traduzível em produto mercantilizável.

O conceito de sistema está tão vivo nas ciências sociais como na matemática, nas ciências naturais e na tecnologia, segundo Bunge (2000). A razão do descrédito do conceito sistema é que toda a ciência e toda a tecnologia trata de sistemas de um tipo ou outro, sejam conceituais ou materiais: sistemas de números, famílias de funções, multiplicidades ou sistemas hipotéticos dedutivos (teorias), sistemas físicos como os átomos: células,

organismo, ecossistemas, rede de comunicações, e sistemas sociais: como empresas, escolas, organizações religiosas, governos ou ONGs.

O conceito de sistema é central na sociologia porque toda a pessoa forma parte de vários círculos (sistemas), e se comporta de modo diferente quando atuam em diferentes sistemas. Estes por sua vez estão influenciados por seus componentes. Em resumo, não existe nenhuma atuação fora de um sistema e não existe um sistema sem atuação e, por consequência, sem mudanças. Não existem redes sem pessoas e não existem pessoas fora de todas as redes.

Sob o ângulo metodológico um sistema comporta pelo menos, segundo Bruyne (1977) a identificação dos elementos que o compõem (conjunto de unidades e objetos), a especificação das características ou das propriedades dos elementos, em relação às quais os estados dos sistemas podem ser descritos, a especificação das regras ou das leis que regem as interações dos elementos ou de suas propriedades assim como a sucessão dos estados dos sistemas.

As sociedades tem necessidades e enfrentam problemas para manter sua estrutura (institucionalizada), problemas que são resolvidos graças a ação de certos mecanismos “homeostáticos” intrínsecos, capazes de operar de maneira automática; ou as classes sociais equivalem a uma seleção natural, fruto da luta competitiva, que impele mais ou menos automaticamente aos mais aptos ou melhor classificados, e assim ocupam as posições essenciais, desde o ponto de vista funcional, para a sobrevivência da sociedade.

Os elementos constitutivos de um sistema podem ser qualquer coisa, desde que haja entre eles uma ordem, uma interdependência, um caráter relacional. A noção de sistema não remete a uma coisa, mas a uma ordem de coisas entre acontecimentos, fenômenos, variáveis. Por constituir um conjunto o sistema implica que seus elementos tenham propriedades comuns em vez de únicas. A ordem que caracteriza o sistema concerne antes

de tudo às relações entre as propriedades de seus elementos, suas qualidades ou seus estados, não entre unidades concretas como tais.

O *paradigma teórico sistêmico* embasa as análises das organizações, ambos compreendidos como sistemas abertos que se influenciam mutuamente, permitindo cotidianamente a existência da prática do poder enquanto relação mencionada por Foucault.

Um sistema ou complexidade organizada pode ser definido pela existência de fortes interações ou de interações não triviais, isto é, não lineares. Destas considerações decorre a necessidade de estudar não somente partes e processos isoladamente, mas também resolver os decisivos problemas encontrados na organização e na ordem que os unifica, resultante da interação dinâmica das partes, tornando o comportamento destas diferentes quando estudado isoladamente e quando tratado no todo.

A análise dos sistemas trata a organização como um sistema de variáveis mutuamente dependentes. São características da organização, quer de organismos vivos, quer de uma sociedade, noções como as de crescimento, diferenciação, ordem hierárquica, dominância, controle, competição, etc., noções que não aparecem na física convencional, paradigma da metodologia analítica.

O paradigma sistêmico, ao propor a ideia de que efeitos podem ser retroalimentadores de suas supostas causas dentro de um sistema e que observadores podem modificar pela via interativa o que estão a observar, criou um novo marco epistemológico, nos anos 1950, para referenciar os estudos, para pensar fenômenos tanto na física quanto na química, na biologia e nas ciências humanas em geral, através de conceitos de integralidade e circularidade, ou seja, partes em interação, e do homem tratado não como um autômato ou robô reagente, mas como um sistema de personalidade ativa.

A Teoria Geral dos Sistemas também é um marco referencial que sustenta o estudo da dinâmica dos grupos sociais, baseada na noção de que um grupo não pode ser entendido como a mera

soma de suas partes (indivíduos), existem propriedades de grupos que se repetem, e os resultados da análise dos segmentos isolados não pode se aplicar ao conjunto como um todo.

O paradigma funcionalista aplicado na análise de sistemas traz em si um conteúdo altamente conservador em termos de valores, concebendo o sujeito como simples detentor de status e desempenhador de papéis, em função da manutenção do sistema vigente.

A viagem, o tempo livre, o lazer, o *fazer turismo*, para os teóricos desse paradigma, têm a função reparadora do trabalho, como analisado por Moesch (2004). Sua finalidade única é a de melhorar o desempenho dos papéis individuais produtivos, visando assim a otimização da relação global entre os seus input e output. Compartimentaliza o campo do trabalho e o campo do tempo livre como se fossem duas partes estanques de um todo, com funções determinadas.

A relação trabalho-tempo livre - turismo, na visão funcionalista sistêmica, não considera a ordem causal do tempo - a não ser no sentido da recuperação das forças - em que o tempo anterior determina o seguinte, não levando em conta que a alienação em um dos campos vem gerar atitudes de evasão ou compensação do outro. Apresenta-se aqui um metadiscurso impondo uma verdade injusta: a vida e seus prazeres são reduzidos ao império da racionalização econômica. A compreensão do objeto turístico é una. O Turismo passa a ser uma parte de um todo: o sistema econômico, tomado como subsistema produtivo. Essa abordagem diminui sua complexidade, ocasionando enquanto objeto de conhecimento, uma derivação simplificada como 'atividade' do campo produtivo. A falta de uma preocupação epistemológica por parte dos autores que estudam o turismo como sistema não os permitiu romper com a compartimentação analítica em seus estudos.

Como síntese, desse limite epistemológico, onde o método sistêmico se sobrepôs ao objeto, estão as teses elaboradas a partir da Teoria Geral

dos Sistemas quanto a metodologia de apreensão do objeto turístico pelos autores Alberto Sessa, Pierre Lainé, Sérgio Molina, Boullón, Martinez, entre outros. Suas contribuições teóricas representam o momento pré - paradigmático na teoria do Turismo.

As razões que balizam esse enquadramento epistemológico aos modelos dos pesquisadores citados, estão sustentadas pela concepção desenvolvida por Gerard Fourez (1995) sobre a construção de uma matriz disciplinar ou um paradigma, o qual define como uma estrutura mental, consciente ou não, que serve para classificar o mundo e poder abordá-lo. Assim, para efetuar uma pesquisa no domínio do Turismo, é preciso possuir algumas ideias a respeito da questão, o que foi acessado pelo empirismo e pelas análises sistêmicas. A disciplina que nascer dessas pesquisas sobre o Turismo estruturar-se-á em torno dessas ideias prévias. O conceito de Turismo não é algo dado, mas provém de uma certa maneira de contar o que é vivenciado por meio de relatos, da experiência do sujeito turista sobre o Turismo e seu desenvolvimento.

O Turismo será influenciado por uma certa ideia, partilhada por um dado conjunto cultural, da diferença entre o sujeito (turista) que se desloca no tempo (nomadismo), que vai ao encontro de um determinado espaço e retorna ao local de origem (sedentarismo), essas categorias sociais e culturais estão na base da disciplina que se denomina turismologia; fazem parte de seu paradigma, pois são constituintes, formatadoras do seu objeto.

É importante entendermos que há objetos de estudos que só aparecem num dado momento histórico. Segundo Fourez (1995) a psicologia urge quando se concebe o ser humano como indivíduo, a informática estrutura-se em torno de uma técnica determinada o computador, possibilitando a criação de uma tecnologia intelectual, que permite pensar os problemas da comunicação e da informação, redefinindo para ela a comunicação e a informação. E o Turismo?

"Em cada um desses casos, uma disciplina científica nasce como uma nova maneira de considerar o mundo e essa nova maneira se estrutura em ressonância com as condições culturais, econômicas e sociais de uma época." (Fourez:1995, p.105)

Para a construção de uma disciplina científica existe um certo número de regras, princípios, estruturas mentais, instrumentos, normas culturais e/ ou práticas, que organizam o mundo antes de seu estudo aprofundado.

"O objeto de uma disciplina não existe, portanto antes da existência dessa própria disciplina; ele é construído por ela...uma disciplina científica não é definida pelo objeto que estuda, mas é ela que o determina... e na evolução de uma disciplina esse objeto pode variar." (Fourez:1995, p.106)

Os pesquisadores que utilizaram a Teoria Geral de Sistemas contribuíram na estruturação de um método de abordagem do fenômeno turístico nas suas diferentes facetas. Permitiram assim operar distinções, que produziram novas classificações sobre o Turismo a ponto de servirem de base e de referência ao pensamento subsequente sobre ecossistema e turismo. Essas evidências são um efeito que sobrevém somente após o estabelecimento de uma disciplina científica.

#### **4. A apreensão do Turismo como sistema complexo**

O tratamento disciplinar que vem sendo dado ao estudo do Turismo – e daí a dificuldade em sua compreensão como uma totalidade fenomênica – faz parte do contexto da produção do conhecimento científico moderno. Entende-se aqui totalidade fenomênica como a atualidade imediatamente dada à observação empírica efetiva, positivamente efetuada, manifestando-se numa constatação (Japiassu, 2002, p.21). A disciplinari-

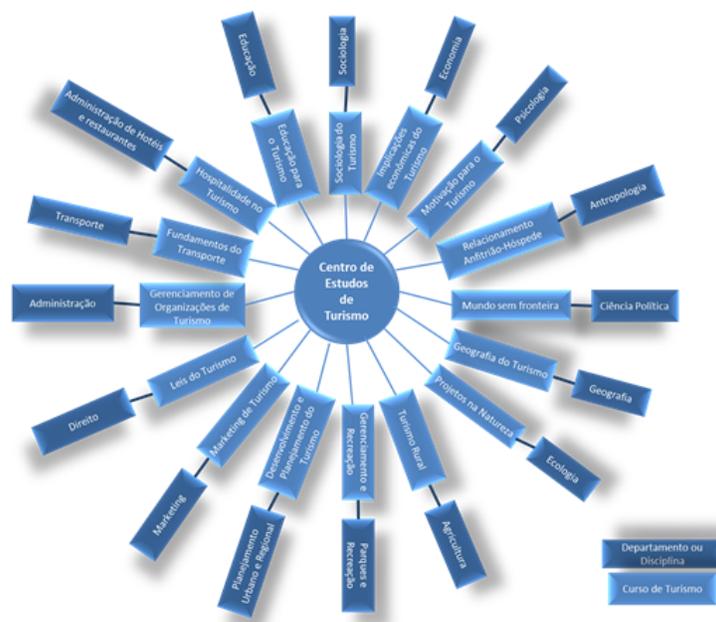
dade é consequência do uso do paradigma analítico na construção dos saberes; até bem pouco tempo, este paradigma era tido como único e incontestável.

O método analítico divide problemas grandes ou complexos em partes, acreditando, assim, diminuir sua complexidade ao diminuir a intensidade das informações e relações. O problema maior é dividido em questões menores; repartindo-o em partes independentes, para alcançar uma maior compreensão. Por quê? Para resolver problemas, nesta lógica, seria separar, solucionar os problemas de cada uma das partes ou setores e, assim, capacitar pelo conhecimento científico, ao enfrentamento a um problema maior.

Não podemos negar que a ciência moderna permitiu grandes avanços ao pensamento humano, devido a essa abordagem analítica, chamada de *cartesiana*, por ter em Descartes um dos seus principais teóricos. Mas hoje, o cartesianismo não dá conta, quanto se trata de uma maior aproximação dos problemas sociais contemporâneos. Como

afirma Morin (1998), a racionalização originada na trindade: técnica, ciência e razão – as quais já forneceram a luz para esclarecer os caminhos do futuro – estão equivocadas, mutiladas, por conter rupturas internas. Hoje sabemos que a ciência produziu coisas boas e fecundas, mas também permitiu que, pela primeira vez, a humanidade vislumbrasse a possibilidade da destruição total do planeta, pelo excessivo consumo de todos bens que essa mesma tecnologia produz. Quer dizer, há problemas dentro da razão, como afirma Morin (1998).

A tradição dos estudos monodisciplinares trouxe ao turismo um reducionismo na compreensão de sua episteme, como uma banalização em suas conceituações e conseqüentemente sua denominação ora como indústria, negócio, atividade, setor, entre outras, devido a falta diálogo entre as disciplinas e apropriação metodológica de cada campo disciplinar de forma interdisciplinar ao delinear seu objeto e método.



Fonte: Jafar Jafari (1983)

Figura 2 | Contribuições disciplinares para o campo do turismo

Concepções disciplinares restritas que não foram superadas nem mesmo com o modelo proposto por Jafar Jafari, em 1983, pois ao avançar em seu dispositivo cognitivo multidisciplinar: onde as formas de conhecimento do objeto em estudo advêm de áreas do conhecimento distintas: geografia, economia, administração, antropologia, etc., essas mesmo que dispostas em forma de uma teia, não são suficientes para romper suas fronteiras disciplinares metodológicas na compreensão do objeto do turismo. Mesmo que a multidisciplinaridade admita vasos comunicantes, conforme figura 1, visando uma compreensão mais holística, essa organização curricular não é suficiente para a construção de uma base teórico-metodológica própria à epistemologia do turismo. O exercício epistemológico aqui não se estabeleceu por completo, pois o objeto –turismo– não foi reconstruído por suas categorias fundantes, e sim tomado como objeto dado, *a coisa em si*.

O que foi observado é o “fenômeno-involúcro ocultando sua realidade mesma, que se mantém fora do campo da percepção empírica”, (Japiassu, 2002, p.21)

Os modelos sistêmicos, a partir da década de 1980, foram adotados em muitos estudos sobre o turismo, principalmente com a preocupação de estabelecer maior transferência de renda entre regiões, ou o chamado desenvolvimento regional pelo turismo. Alberto Sessa apresenta uma análise sistêmica cujo modelo é representado por elementos que são: o turista, que é definido por fluxo turístico, a indústria turística, serviços turísticos, a oferta dos recursos, a infraestrutura e superestrutura turística entendida como sistema econômico turístico em relação ao sistema ecológico, educacional, sócio familiar, da ciência, da cultura.

A similaridade entre os autores que criaram seus modelos sistêmicos para o turismo se registra na aproximação quanto à definição dos elementos que compõem o sistema: a superestrutura, a demanda, os atrativos, a infraestrutura, equipamentos e instalações, e para poucos, como Sergio

Molina, a comunidade local.

Na trilha da construção teórico-metodológica, em 1998, sob o quadro teórico sistêmico, produzi um modelo interpretativo do turismo, na qual as partes do objeto são estudadas profundamente em suas interações.

O problema do desenvolvimento do turismo é estudado em sistemas resultando em um modelo o SISTUR- Sistema de Turismo. Para solucionar um problema no subsistema ecológico, por exemplo, procura-se equacioná-lo nas suas muitas interações com os subsistemas econômico, social e cultural, demonstrando sua complexidade. Há uma preocupação em resolver problemas maiores, através do estudo das interações entre as partes. Mas, construir uma teoria que dê conta das práticas turísticas deve ser uma conquista transdisciplinar, em que a cada momento é, simultaneamente, produzida e produtora, numa recursão organizacional, na qual a parte está no todo e o todo está na parte.

Ao desenvolver o SISTUR (1998) pretendia-se retratar o turismo, em toda sua multicausalidade até seu limite máximo, em um esquema sintetizador dinâmico que demonstrasse as combinações multifacetadas de forças e energias sempre em movimento. Assim adotou-se a conceituação de sistema, como o conjunto de procedimentos, doutrinas, ideias ou princípios logicamente ordenados e coesos, com intenção de descrever, explicar ou dirigir o funcionamento de um todo, de modo a produzir um modelo.

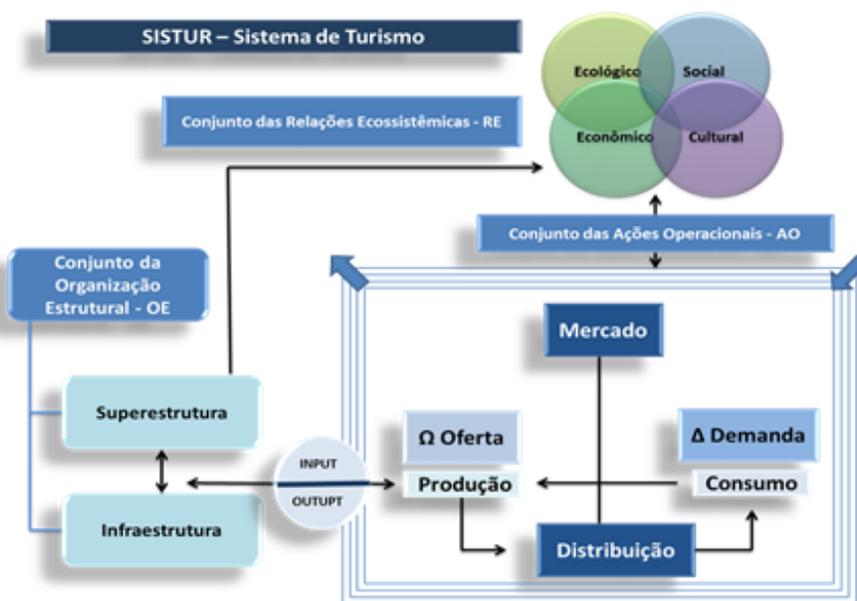
O modelo construído, deveria ter a capacidade de retratar, até seus limites máximos, a configuração que tentava assumir um fenômeno como o do turismo, tão sujeito a variáveis interna e externa que escapavam, no momento de análise científica, a praticamente todo o esforço de cristalização para se poder estudá-las, determiná-las e avaliá-las.

A partir dessa base conceitual pode-se configurar o diagrama de contexto do sistema de turismo, que permite visualizar três grandes conjuntos: o das relações ambientais, o da organização estrutural e o das ações operacionais, bem como seus

componentes básicos e as funções primárias atuantes em cada um dos conjuntos e em interação constante no sistema total.

Como a energia desse sistema é vinda da relação entre oferta-demanda estabelecida pelo mercado, o fluxo de massa e de energia no interior do sistema processa-se através de “canais de comunicação” que, muitas vezes, não são claramente delineados. No transcorrer desse fluxo, pode ocorrer

que parcelas de massa e de energia fiquem armazenadas em diversos setores, por lapsos de tempo das mais diversas escalas, constituindo reservas para o funcionamento do sistema. Dessa forma, no conjunto há quantidades de massa e de energia que estão constantemente circulando, se transformando ou temporariamente retidas, conforme o modelo de Beni (1998), expressa na figura 3:



Fonte: Beni (1998)

Figura 3 | Modelo SISTUR

O sistema turístico, assim entendido, é um sistema aberto, contrapondo-se a concepção histórica sobre sistemas fechados, utilizados pelos físicos e biólogos. Para os físicos, tudo iniciou muito certo, simplificado, em um mundo que caminha para a desordem (máxima entropia). Já para a Biologia, os organismos se formam organizadamente, dando a impressão de caminham rumo a uma crescente organização. Tanto na concepção física como a biologia dos sistemas abertos há necessidade de muita energia: eles interagem, eles consomem energia, até atingir certo equilíbrio,

uma finalidade, uma complexidade estável.

Na visão sistêmica adotada no modelo do SISTUR desenhado, em 1998, as relações internas e externas a um sistema podem depender do sistema em si ou de seu ambiente. Se um sistema é submetido inevitavelmente a diversos determinismos de seu ambiente, esses determinismos terão sobre ele várias influências diferentes em função de suas capacidades próprias de reação. Essas capacidades do sistema introduzem as noções de *regulação* e de *controle*, que podem ser nulas ou, ao contrário, extremamente desenvolvidas. Convém tam-

bém salientar a noção de hierarquia necessária nas estruturas e nas finalidades; sendo assim as unidades de regulação, de reação e de colocação devem estar em coerência.

Como todo modelo, o SISTUR foi se mostrando insuficiente para o objetivo proposto de se compreender o turismo em sua complexidade nos diferentes territórios e em suas diferentes formas de desenvolvimento. A exemplo da análise dos dados a partir das suas categorias, descrevendo como se configurava cada um dos subsistemas, objetivava-se com a soma das partes obter o diagnóstico do todo o sistema turístico, o que diante da concepção complexa do conhecimento (transdisciplinar) não foi possível, pois a simples soma das partes não revela a complexidade de suas conexões e a dinâmica das relações.

A própria concepção do objeto turístico tratado como fenômeno necessita inserir o sujeito produtor-reprodutor do processo turístico tendo que ir além do resultado do somatório de recursos naturais do meio ambiente, culturais, sociais e econômicos, tem campo de estudo super abrangente, complexo e pluricausal (Beni 1998). Se por um lado a divisão do SISTUR em conjuntos e subsistemas facilita a coleta de dados, pois os indicadores e componentes que caracterizam cada um dos subsistemas pode ser utilizado como um roteiro de pesquisa, não é suficiente para entender sua trama no tecido social onde as relações de poder se fazem presentes e contextualizam sua historicidade.

Ao olhar da complexidade é importante notar que o todo é mais do que a soma das partes, não como um produto de adição, mas como um produto de uma dinâmica interna auto-organizacional, uma dinâmica conjunta envolvendo as diversas partes (Morin 2002).

A limitação dos modelos sistêmicos diante da dinâmica das práticas do turismo (a coisa em si) se transformou numa necessidade de ampliação do seu conhecimento, cobrando seu pleno sentido epistemológico (construção do objeto científico) e

teórico (formulação teórica do objeto, explicitação conceitual), pois não foram suficientes para além de uma idealidade irrealizável, no sentido kantiano. Razão da escolha do paradigma holístico da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade, expressa por essa discussão, como necessidade para uma ação na construção da epistemologia do turismo.

A prática científica não se reduz a uma sequência de operações, de procedimentos necessários e imutáveis, de protocolos codificados, o que faz da metodologia científica uma simples tecnologia. As "pesquisas" em turismo, assim, apreendidas, frequentemente se convertem em estudos descritivos estatísticos preocupados em responder ao mercado (uma das facetas do fenômeno) sem compromisso com a realidade das comunidades onde atuam e seus ambiente socioculturais, colocando em segundo plano as concepções utilizadas, e de forma quase "desnecessária", ou protocolar, explicitam suas metodologias, (entenda-se aqui por metodologias o conjunto de relações entre sujeito e objeto de conhecimento e de intervenção, admitindo-se a distinção entre o processo de produção de conhecimento e o processo da prática interventiva), raros são os estudos que apresentam noções operatórias ou categorias como forma de suas interpretações.

Certamente, não é possível conhecer tudo sobre o fenômeno do turismo, nem aprender suas multiformes transformações. Mas, por difícil que seja o conhecimento dos problemas-chaves do turismo este deve ser tentado, para não cairmos na imbecilidade cognitiva. Tanto mais que hoje o contexto de todo conhecimento político, econômico, social, antropológico e ecológico é o próprio conhecimento do mundo. A era planetária necessita situar tudo no contexto planetário. O conhecimento do mundo como tal tornou-se uma necessidade ao mesmo tempo intelectual e vital. Trata-se de um problema que se apresenta a todo o cidadão: como ter acesso às informações sobre o mundo, e como ter a possibilidade de articulá-las. Faz-se neces-

sário uma reforma do pensamento (Morin, 2000) razão pela qual acredita-se que objetos interdisciplinares estão no turbilhão dessa reforma.

O estudo do Turismo requer um questionamento sistemático de tudo que envolve o fazer-saber turístico, e do que se quer fazer; o saber turístico é e será objeto de desconstrução permanente. Esse pressuposto aponta uma virtude, tipicamente metodológica do conhecimento dialético, diante da análise da realidade turística, entendê-la como dinâmica, viva, orgânica, sempre em mutação. Construir uma teoria que dê conta das práticas turísticas deve ser uma conquista transdisciplinar, em que a cada momento é, simultaneamente, produzido o conhecimento e o produtor da ação desse conhecimento, numa recursão organizacional, na qual a parte está no todo e o todo está na parte.

### **5. A transdisciplinaridade como possibilidade de construção de um objeto as teorias do turismo**

Para Jantsch (1980) há equívocos e interpretações confusas entre os conceitos de pluri ou multidisciplinaridade, esta é a justaposição de várias disciplinas sem nenhuma tentativa de síntese. Elas dizem respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra.

Exemplos de multidisciplinaridade já exercitados nos estudos do turismo, por exemplo, em relação aos métodos quali-quantitativos matemáticos transferidos para o desempenho de gestão pública ou privados para análise de desempenho de redução de custo, definição de prioridades, alcance e cobrança de resultados. Ou ainda instrumentos de gestão como “Balanced Score Card”, que transforma a gestão em princípios estratégicos focando as ações na implementação de políticas mais eficazes. Ou nas Relações Internacionais que surgem com domínio teórico na Ciência Política, as novas exigências temáticas nos estudos internaci-

onais que abordam desde questões de ciências já consolidadas como a Sociologia, Economia, Geografia como também em outros campos do conhecimento: questões ambientais, internacionalização de fluxos de capitais, antropologia, segurança, terrorismo, religião, saúde pública, entre outras. Muitas dessas novas discussões se pautam em conceitos e categorias de análise alternativas àqueles empregados tradicionalmente nos debates de mainstream.

A interdisciplinaridade trata da síntese de duas ou várias disciplinas, instaurando um novo nível do discurso (metanível), caracterizado por uma nova linguagem descritiva e novas relações estruturais.

Diferente da multi ou pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade possibilita geração de novas disciplinas o surgimento de novos conceitos e categorias de análise, o emprego de variáveis de ciências consolidadas como instrumentalização teórica para novas abordagens científicas, ocorrendo nesse caso, a transdisciplinaridade, ou seja, aquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além das disciplinas.

O exemplo apresenta-se no campo das conceituações tomando o turismo como um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transporte e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si, para fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional e de expansão de negócios.

Entender o Turismo como um campo de práticas histórico-sociais, que pressupõem o deslocamento do(s) sujeito(s), em tempos e espaços produzidos de forma objetiva, mas possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades, e explicitador de uma estética diante da busca do prazer é posicionar-se a partir de

sua complexidade, numa atitude interdisciplinar.

A preocupação de construir uma Ciência do Turismo para fundamentar um corpo de conhecimentos com entidade teórico-metodológica particular, dentro da complexidade de suas relações práticas, impõe uma rutura epistemológica, onde o modo de produção dos conhecimentos turísticos de forma disciplinar, até então utilizado, que considera só interesses setorializados permanecendo sempre no domínio da linguagem restrita: marketing turístico, economia do turismo, geografia do turismo, gestão de negócios turísticos, entre outras; muito aquém de uma concepção sistêmica de um fenômeno cujo objeto é interdisciplinar e complexo.

A reflexão epistemológica impõe aos próprios pesquisadores, sobre os instrumentos de conhecimento dos quais as ciências dispõem, reflexão com vista a superar as crises revendo a pertinência dos conceitos, das teorias e dos métodos diante das problemáticas que são objeto de suas investigações. A visão sistêmica complexa, onde o todo é mais que a soma das partes, isto é, no nível do todo organizado há emergências em qualidades que não existem no nível das partes quando isoladas, o objeto da ciência se transforma: não é mais algo isolado, é um sistema complexo, pode ser uma das pegadas metodológicas a ser reconstruída.

Impõem-se o paradigma da interdisciplinaridade, esse nasceu da tomada de consciência cujas “lunetas” disciplinares (de cada disciplina social e humana) tornam-se impotentes para estudar problemas cada vez mais complexos (Japiassu, 2002). Destina a criar um novo discurso que seria transcendente às disciplinas particulares, isto quer dizer, não é criar uma nova disciplina não científica, mas sim desenvolver práticas que podem ser negociadas entre diferentes pontos de vista ou interesses disciplinares sob um fenômeno ou objeto propondo práticas políticas novas no campo de ação daquele conhecimento aplicado.

A interdisciplinaridade é para a elaboração de melhores representações do objeto em estudo sendo capaz, assim, de passar a ação, atitude

epistemológica adotada por Moesch (2000, 2004) quando da construção de uma teoria do Turismo como ciência.

Jantsch (1980) ao explicar o porquê da transdisciplinaridade, partiu da fragmentação do saber em setores distintos e fechados, que para ele são características de um enfoque particular real e de um sistema específico de relações dos seres humanos com seu entorno, ao contestar essa visão parcial que corresponde a uma visão racional de um mundo estável e estático, que foi imposta como última verdade da ciência moderna. Essa concepção tendeu a abafar e rechaçar outra espécie de enfoque devido ao sucesso tecnológico e econômico que reforçou a visão segundo a qual ciência seria uma abordagem mais verdadeira que aquela desenvolvida por outras culturas que enfatizam a inter-relação de tudo com tudo, ou outra cosmovisão.

A realidade é mais complexa, depende de uma infraestrutura fisiológica, orgânica, que vai além do fenômeno dado empiricamente, a atualidade da vida psíquica subjacente. Essa complexidade só pode ser abordada pela interdisciplinaridade.

De uma parte, é preciso complementar o pensamento que separa por um pensamento que une. *Complexus* significa “o que está tecido junto”. O pensamento complexo é um pensamento que busca ao mesmo tempo distinguir – mas sem separar – e unir. De outra parte, é preciso lidar com a incerteza. O dogma de um determinismo universal deve ser superado. O universo não está submetido à soberania absoluta da ordem, ele é o campo de uma relação dialógica (ao mesmo tempo antagônica, concorrente e complementar) entre a ordem, a desordem e a organização. (Morin, 2000).

Como essa atitude interdisciplinar permite colocar o turismo como um fenômeno contemporâneo, de uma sociedade *plugada* em redes, convive com formas de uso do tempo liberado, das férias familiares/individuais – garantidas pelas leis trabalhistas aos cidadãos ainda empregados –, ao mochileiro, às novas experiências permitidas pela

tecnologia, onde deslocamentos no espaço e no tempo podem ser reais, mas também virtuais. A conjugação dos tempos vivenciais diferenciados, a espaços cada vez mais unos, favorecendo a convivência material entre os sujeitos e a vivência com intensidade das inter-relações, em praias massificadas, destinos urbanos patrimonializados, ou em bucólicos recantos rurais, requer novas reflexões e teorias explicativas, para compreensão sistêmica orgânica nos processos de planejamento do turismo. As novas práticas turísticas requerem uma nova *praxis* turísticas.

Ao estudar o turismo como realidade humana o compreendemos como uma amálgama na qual tempo, espaço, diversão, economia, tecnologia, imaginário, comunicação, diversão, ideologia, hospitalidade que são categorias fundantes de um

fenômeno social contemporâneo, em que o protagonista é o sujeito, seja como produtor ou consumidor dessa prática social. Não é negada a contingência material do turismo em sua expressão econômica, mas ela ocorre historicamente, em espaços e tempos diferenciados, cultural e tecnologicamente construídos, a ser irrigado com o desejo de um sujeito biológico, nômade em sua essência. Sujeito objetivado, fundamental para a compreensão do fenômeno turístico como prática social, e subjetivado em ideologias, imaginários e necessidade de diversão e encontro, na busca do elo perdido entre prosa e poesia, conforme figura 3 das categorias estruturantes do fenômeno turístico abaixo representado:

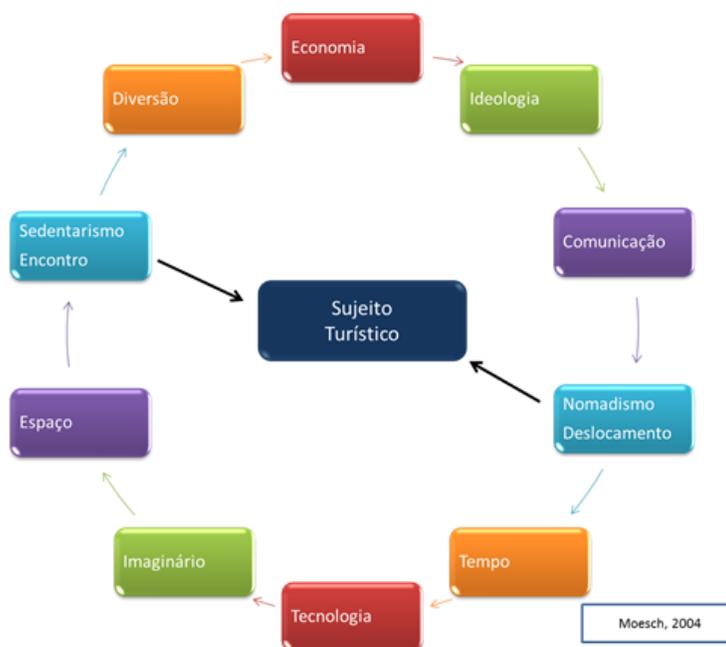


Figura 4 | Categorias estruturantes do fenômeno turístico

Ao partilhar as concepções de Morin (2000b), quando define que *interdisciplinaridade* pode significar também a troca e cooperação, o que faz com que possa vir ser alguma coisa orgânica. Na *transdisciplinaridade* tratam-se, frequentemente,

de esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas, às vezes com tal virulência, que as deixam em transe. De fato, são os complexos de inter-multi-trans-disciplinaridade que realizam e desempenham um fecundo papel na história das

ciências. Transdisciplinaridade, segundo Jantsch (1980) é o reconhecimento da interdependência de todos os aspetos da realidade, a consequência normal da síntese dialética provocada pela interdisciplinaridade, quando esta for bem-sucedida.

Um novo tipo de ciência está nascendo, não mecanicista, holística, a partir de Smuts (1986), e orienta-se em primeiro lugar pelos modelos vivos, levando em consideração a mudança e se resumindo a noções tais como autodeterminação, auto-organização e autorrenovação, reconhecimento de uma interdependência sistêmica e muitos outros aspetos. Há um sentido que é o sentido da vida, o que, junto com a alegria, são inerentes a essa nova visão transdisciplinar. Porque não caberia nesse movimento epistêmico das ciências em geral propor a continuidade da trilha na construção de uma ciência do turismo?

A inter e a transdisciplinaridade faz emergir

da confrontação das disciplinas dados novos que as articulam entre si, oferecendo uma nova visão da natureza e da realidade. Ela não procura o domínio sobre as disciplinas, mas o caminho de abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa. É preciso viver efetivamente a experiência do transmitir e aprender em união total, onde a herança acumulada do passado é reinterpretada e visualizada apenas no que permanece de universal e para todos, que se erigiu a partir do princípio dialógico-hologramático de Morin (2000b) a reconstrução do sistema turístico. Onde a dinâmica da realidade impôs uma revisão de seus conjuntos de sistemas e subsistemas como partes de um todo, de um “modelo explicativo”, em uma totalidade/partes do todo, representadas pela figura 4 como objetos de um “eixo epistemológico complexo”.

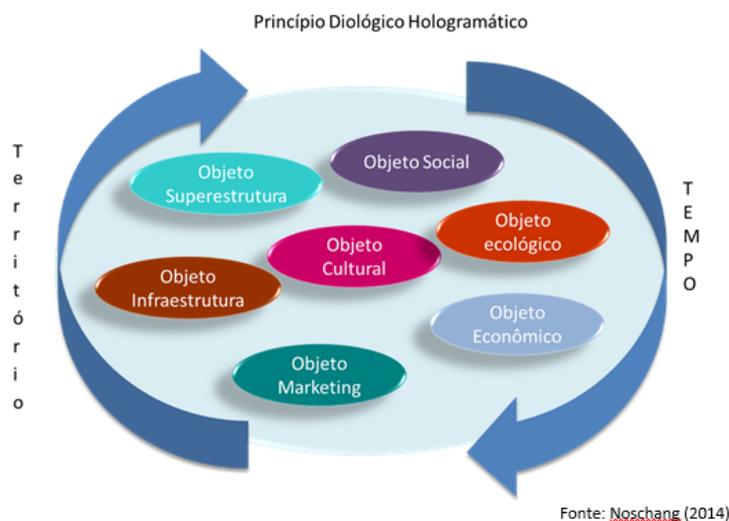


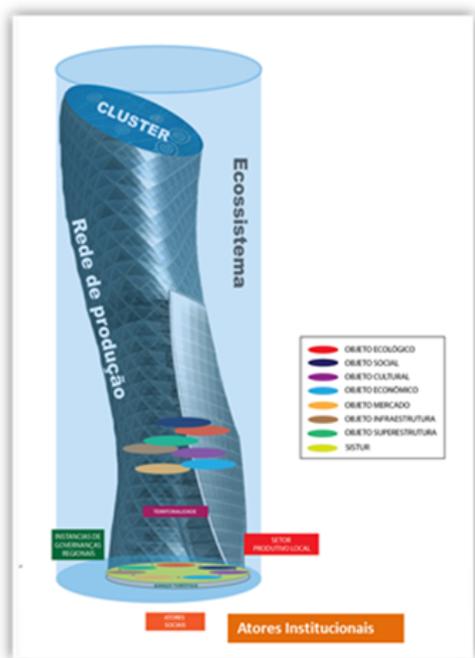
Figura 5 | SISTUR e a noção de complexidade

O SISTUR reconstruído a partir da teoria da complexidade representa sair do modelo explicativo da ciência rigorosa, ou eixo ou modelo da biologia e passar a reconstruir o turismo por um modelo histórico-cultural, aceitando a questão global da existência do fenômeno e abrindo-se a uma

pesquisa e a um debate em uma linguagem elaborada, iniciando uma busca de sentido, o que vem a ser estruturante no fenômeno turístico. Ou seja, seus objetos constituintes do todo: objeto da infraestrutura, objeto superestrutura, objeto social, objeto cultural, objeto ecológico, objeto

econômico e objeto do mercado.

A reconstrução do modelo do SISTUR pela teoria da complexidade, proposta nesse artigo, o *apreende* como sistema vivo, que se auto-organiza, e realiza sua auto produção, ao mesmo tempo em que realiza a auto-eco-organização e a sua auto-eco-produção, pois ele está envolvido em um ambiente externo que se encontra, ele mesmo, integrado a um sistema eco-organizador, o ecossistema. Conforme o princípio da auto-eco-organização tem valor hologramático, assim como a qualidade da imagem hologramática está ligada ao fato de que cada ponto possui a quase totalidade de informação do todo, do mesmo modo, de certa maneira o todo é o todo que nós somos parte, está presente em nosso espírito. (Morin, 2001).



Fonte: Noschang (2014)

Figura 6 | Reconstrução do SISTUR

Uma primeira via de acesso é fornecida pelas “três teorias” que constituem a teoria da complexidade – a da informação, da cibernética e dos sistemas. Essas três teorias, aparentadas e inse-

paráveis, surgiram no início dos anos 40 e com grande intensidade se enriqueceram mutuamente. A teoria da informação permite entrar em um universo onde ao mesmo tempo existe ordem (redundância) e desordem (ruído) – e desse universo se extrai algo novo, ou seja, a informação em si, que se torna então organizadora (programadora) de uma máquina cibernética. A informação que indica, por exemplo, o vencedor de uma batalha dissipa uma incerteza, a que anuncia a morte súbita de um tirano traz o inesperado e, ao mesmo, tempo, a novidade.

A cibernética é uma teoria das máquinas autônomas. A ideia de retroação, introduzida por Norbert Weiner (1989), rompe com o princípio de causalidade linear e o substitui pelo da curva causal. A causa atua sobre o efeito, e o efeito sobre a causa, em um sistema de aquecimento em que o termostato regula a marcha da caldeira. Esse mecanismo, dito de “regulação”, é que permite a autonomia de um sistema, nesse caso a autonomia térmica de um departamento em relação ao frio exterior. A curva de retroação (denominada *feedback*) desempenha o papel de um mecanismo amplificador, por exemplo, na exacerbação de um conflito armado. A violência de um protagonista gera uma reação violenta que, por sua vez, gera outra reação violenta. Tais retroações, inflacionárias ou estabilizadoras, existem em profusão nos fenômenos econômicos, sociais, políticos ou psicológicos.

A teoria dos sistemas lança as bases de um pensamento da organização. A primeira lição sistêmica é que “o todo é mais que a soma das partes”. Isso significa que existem qualidades emergentes, ou seja, que nascem da organização de um todo e que podem retroagir sobre as partes. A água, por exemplo, tem qualidades emergentes em relação ao hidrogênio e ao oxigênio que a compõem. Aliás, o todo também é menos que a soma das partes, pois as partes podem ter quantidades que são inibidas pela organização do conjunto.

A essas teorias deve ser acrescentado o desen-

volvimento conceitual proporcionado pela ideia de auto-organização.

Em sua teoria dos autômatos auto-organizadores, Von Neumann (*apud* Morin, 2000) questiona a diferença entre as máquinas artificiais e “máquinas viventes”. E assinala esse paradoxo: os elementos das máquinas artificiais são muito bem fabricados, super afeiçãoados, mas se degradam desde que a máquina começa a funcionar. Por outro lado, as máquinas viventes são compostas de elementos pouquíssimos confiáveis, como as proteínas, que se degradam sem cessar; mas essas máquinas possuem a estranha propriedade de se desenvolver, de se reproduzir, de se autorregenerar, substituindo por novas as moléculas degradadas e as células mortas. A máquina artificial não pode consertar a si mesma, enquanto que a máquina vivente está sempre se regenerando, a partir da morte de suas células, segundo a fórmula de Heráclito: “Viver de morte, morrer de vida”.

“A contribuição de Von Foerster consiste na descoberta do princípio da ordem a partir do ruído” (*apud* Morin, 1986). Se agitarmos uma caixa contendo cubos com duas faces montadas e dispostas desordenadamente, constataremos que esses cubos irão formar espontaneamente um conjunto coerente. Assim, basta um princípio de ordem (a imantação) e uma energia desordenada para compor uma organização ordenada. Trata-se, portanto, da criação de uma ordem a partir da desordem.

Atlan (*apud* Morin, 2000) concebeu a teoria do “acaso organizador”. Observa-se uma relação dialógica ordem/desordem/organização no nascimento do universo a partir de uma agitação calorífica (encontros por casualidade), princípios de ordem permitem a formação de núcleos, átomos, galáxias e estrelas. Observa-se essa relação dialógica também na emergência da vida, por encontros entre macromoléculas dentro de uma espécie de curva autoprodutora que terminará por se tornar auto-organizadora vivente. Sob as formas mais diversas, a relação dialógica entre or-

dem, desordem e organização, mediante inúmeras inter-retroacções, está constantemente em ação nos mundos físico, biológicos e humano.

De outra forma, Prigogine (*apud* Morin, 2000) introduziu a ideia de organização a partir da desordem. No exemplo dos turbilhões de Bernard, podemos observar como estruturas coerentes se constituem e se auto mantem, a partir de certo limiar de agitação e abaixo de outro limiar. “Para se manter, essas organizações necessitam alimentar-se de energia, consumi-la e “dissipá-la”. No caso do ser vivo, este tem suficiente autonomia para extrair energia de seu meio ambiente, e inclusive dele colher informações e absorver sua organização –, processo que Morin (2000b) denominou auto eco organização.

Portanto, a teoria da complexidade de Morin (1986) se apresenta como um edifício de vários andares. A base é formada a partir das três teorias (informação, cibernética e sistemas) e contém elementos necessários para uma teoria da organização. Em seguida vem o segundo andar com as ideias de Von Neumann, Von Foerster, Atlan e Prigogine sobre a auto-organização. A esse edifício ele acrescentou elementos suplementares como os três princípios: o dialógico, o da recursão e o hologramático.

O princípio dialógico une dois princípios ou noções antagônicas, que aparentemente deveriam repelir uma à outra, mas que são indissociáveis e imprescindíveis para compreender uma mesma realidade. Pascal afirmava: “O contrário de uma verdade não é o erro, mas uma verdade contrária.”

Morin traduziu-o a sua maneira. “O contrário de uma verdade trivial é um erro estúpido, mas o contrário de uma verdade profunda é sempre outra verdade profunda.” (*apud* Bohr, 2000<sup>a</sup>, p. 204). O problema é unir noções antagônicas para analisar os processos organizadores e criadores no mundo complexo da vida e da história humana.

O princípio da recursão organizacional vai além do princípio da retroação (feedback), ultrapassa a

noção de regulação pela autoprodução e da auto-organização. É uma curva geradora na qual os produtos e os efeitos são eles próprios produtores e causadores daquilo que produz. Assim nós, indivíduos, somos produtos de um sistema de reprodução que retoma ao fundo dos tempos, mas esse sistema só pode se reproduzir se nós mesmos nos tornarmos seus produtores nos acasalando. Os indivíduos humanos produzem a sociedade em e por suas interações, mas a sociedade, como um todo emergente, produz a humanidade desses indivíduos ao proporcionar-lhes a linguagem e a cultura.

O princípio “hologramático”, por fim, destaca o aparente paradoxo de certos sistemas em que não somente a parte está no topo, como também o todo está na parte: a totalidade do patrimônio genético está presente em cada célula individual. Da mesma forma, o indivíduo é uma parte da sociedade, mas a sociedade está presente em cada indivíduo como um todo, por intermédio de sua linguagem, sua cultura, suas normas.

Como se vê, o pensamento complexo de forma alguma é um pensamento que exclui a certeza para inserir a incerteza, que exclui a separação para inserir a inseparabilidade, que exclui a lógica para autorizar todas as transgressões. O processo consiste, pelo contrário, numa incessante ida e volta entre certezas e incertezas, entre o elementar e o global, entre o separável e o inseparável. Não se trata de abandonar os princípios da ciência clássica – ordem, separabilidade e lógica – mas de integrá-los em um esquema ao mesmo tempo mais amplo e mais rico. Não se trata de opor um holismo global e vazio a um reducionismo sistemático; trata-se de vincular o concreto das partes à totalidade. É preciso articular os princípios de ordem e desordem, separação e junção, autonomia e dependência, que são ao mesmo tempo complementares, competidores e antagônicos, ao seio do universo.

Em resumo, o pensamento complexo não é o contrário do pensamento simplificante – ele o integra. Como diria Hegel, opera a união da simplicidade e da complexidade pode ser enunciado tão

simplesmente quanto o da simplicidade; enquanto este último impõe separar e reduzir o paradigma da complexidade preconiza reunir e ao mesmo tempo distinguir.

O pensamento complexo é, essencialmente, o pensamento que integra a incerteza e que é capaz de conceber a organização. Que é capaz de unir, contextualiza, globalizar, mas ao mesmo tempo reconhecer o singular e o concreto.

A epistemologia do Turismo proposta tem significação apenas para aqueles a quem a história e as decisões humanas colocam uma questão sem querer impor esta questão a todos, sem absolutizar um novo discurso, dominando os anteriores.

O objeto de estudo do Turismo é um objeto em construção, não é um objeto construído, pois o fenômeno turístico é um acontecimento instituinte, pois tem como motor as práticas sociais em seu tempo sócio-histórico.

Todo o progresso importante do conhecimento, como assinala Kuhn (1970), se opera necessariamente pela quebra e rutura de sistemas fechados, que não possuem dentro deles a mesma atitude de transcendência que o próprio fenômeno carrega. Quando uma teoria se mostra incapaz de integrar observações cada vez mais centrais, quebrando o próprio sistema que lhe deu sua coerência com seu fechamento, é substituído, por vezes relativizando os princípios anteriormente aceitos, o que se denomina de quebra de paradigmas.

Segundo Morin (2000, p. 115) “é preciso ecologizar as disciplinas, isso é, levar em conta o que lhes é contextual, inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio nascem levantam problemas, ficam esclerosadas e transformam-se”. Quanto mais é desenvolvida a inteligência geral, maior é a sua capacidade de tratar os problemas especiais.

A razão da não construção de uma Ciência do Turismo está na má compreensão do domínio do objeto turístico, objeto de investigação mal definido, e conseqüente assimilação insuficiente dos conhecimentos adquiridos.

A falta de reflexão sobre o que desvelar, está na intencionalidade dos pesquisadores em indagar. Trata-se do ponto de partida do ato completo do pensamento.

A amplitude do objeto desafia o entendimento humano simplificador; esse objeto que, simultaneamente, é exterior a nós. Está em nós e interage conosco, suporta mal o isolamento do sujeito em relação ao seu objeto, o que nos leva a busca de um método transdisciplinar para a compreensão do objeto do turismo.

## 6. A teoria da Complexidade e o Ecosistema do turismo

Construir um novo campo teórico para o Turismo requer um método que avance na conceção do que seria conhecimento, ciência e teoria. O tratamento disciplinar que vem sendo dado ao estudo do Turismo – e daí a dificuldade na sua superação como setor económico e/ou atividade mercadológica – faz parte do contexto da produção do conhecimento científico contemporâneo, que desvela as relações ecosociais dos sistemas complexos.

A ciência moderna com seu paradigma racionalista produziu coisas boas e fecundas, mas também permitiu que, pela primeira vez, a humanidade vislumbrasse a possibilidade da destruição total do planeta, com a bomba atómica. Quer dizer, há problemas dentro da razão, como afirma Morin (1996).

Compreender a problemática do desenvolvimento crescente do turismo é relevante não só à medida que seus produtores, vendedores, intermediários e consumidores continuam produzindo, vendendo e consumindo sem limites ou critérios, sem outro fim que o próprio benefício do primeiro e a satisfação egoísta do consumidor, mas pela persistência do problema, disfarçado nas concepções implícitas destes conceitos.

Essa postura, emergente de uma cultura de

mercado capitalística, desconhece a essência do fenómeno turístico, o qual exerce uma pressão crescente sobre a produção da subjetividade social, o ecossistema, o modo estético e a herança cultural, existentes nas localidades visitadas, gerando agenciamentos possíveis de ressignificação junto à realidade, através da relação entre visitantes e visitados.

Turismo é processo humano, ultrapassa o entendimento enquanto função de um sistema económico. Como um processo singular, necessita de ressignificação às relações impositivas, aos códigos capitalísticos e aos valores colocados como bens culturais. Ainda, considerando o imbricamento ou sobreposição de sistemas, bem como a visualização hologramática, percebemos trocas energéticas, materiais e informacionais que ocorrem entre o sistema e o ambiente, permitindo que ele internalize tudo o que necessita para que possa manter a sua organização e estrutura em funcionamento.

Na contemporaneidade, para melhor compreender o conceito de sistema, é preciso reconhecer os parâmetros: ambiente em rede, conectividade, interatividade, auto-eco-organização, recursividade, autonomia, complexidade, entre outros.

A complexidade para Morin constituiria, assim, o tecido, o pano de fundo, a trama, as interações que por acaso ocorrem, se no tecido é onde ocorrem os acontecimentos, podemos então considerar que a complexidade é um fator constitutivo da vida correspondente a esse entrelaçamento de fenómenos e processos que constituem a sua dinâmica natural em diferentes níveis de ascenso e descenso.

O princípio do círculo recursivo ultrapassa a noção de regulação para a de auto produção e de autorregulação. Os produtos e os efeitos são, eles próprios, vistos como os produtores e causadores daquilo que os produz. Na construção dos modelos de apreensão do fenómeno turístico de forma sistémica, explicita-se a necessidade da existência de uma estrutura, como um feixe de relações entre elementos que o compõem. Esses elementos são complementares na sua distribuição, o todo

em que se constituem é cabal e suficiente, há uma forte inter-relação entre as partes. É uma estrutura de partes satisfatoriamente distribuídas, que se associam e complementam. Toda a estrutura pressupõe um sistema, pelo menos implícito e realizável, sendo sua condição prévia e necessária para ele existir. De um lado temos o contorno geral do todo; de outro, a possibilidade de redução da complexidade do todo a nível explicativo da estrutura, que repetiria dentro de si o retrato em miniatura do todo, dando, ao mesmo tempo, a razão porque o todo se mantém.

O Turismo é um sistema aberto, orgânico, que não pode ser estudado como uma entidade radicalmente isolada. Daí seu conteúdo interdisciplinar e transdisciplinar. Teórica e empiricamente o conceito de sistema aberto complexo abre a porta a uma teoria da evolução, que não pode derivar mais que de interações entre sistema e ecossistema e que, em seus laços mais notáveis, pode ser concebido como um transbordo do sistema num metassistema, ou, ecossistema turístico, e aqui estabelece-se o desafio da trilha.

Finalmente, sendo a relação fundamental entre os sistemas abertos e o ecossistema de ordem material energético e, organizacional/informacional, poderíamos tratar de compreender o caráter ao mesmo tempo determinado e aleatório da relação ecossistêmica. Seu objeto no formato de sua complexidade desafia uma epistemologia social para o entendimento de sua gênese. Assim, as categorias como tempo, espaço, tecnologia, economia, comunicação, ideologia, imaginário, hospitalidade e diversão, entre outras, constituem-se na sua práxis. Práxis turística não disjuntiva, nem linear, mas sim, uma construção dinâmica, permanente, onde o sujeito turístico na sua transumância se move, constrói de forma imaginativa, comunica os seus desejos mais íntimos, em processos objetivos de fluxos (deslocamento/viagem/transportes), de fixos (estada, hospedagem, alimentação, acolhimento e segurança) e de prazer (o encontro cultural, a diversão) que só se estabelece se houver o

encontro possibilitado pela hospitalidade.

Relações sociais que conferem a esse ecossistema turístico a sua energia, a sua força dinamizadora como humana. O sujeito turístico é que permite a existência deste sistema e não o inverso. Essa mesma energia que mantém a dinâmica do sistema turístico é produtora de necessidades objetivas, que de forma espiralada, gera uma reprodução ampliada de processos económicos e culturais, que atendem ao desejo de transumância e permanência transitória do sujeito turístico, no seu movimento de ir-vir, seu fluxo nómada.

A energia humana causada pelo desejo de transumância, o nomadismo na contemporaneidade gera um sistema auto-eco-organizador, assim, o turista é produtor do objeto turístico, mas também numa dinâmica sistêmica auto recursiva, é produtor do próprio sistema turístico ao consumir os objetos produzidos nos territórios visitados.

Tendo como paradigma a complexidade, a análise de sistemas constrói modelos que buscam explicar o fenómeno turístico na sua totalidade, transpondo as suas preocupações com a eficácia dos planos turísticos e o papel do estado no controle normativo desse desenvolvimento. A ideia de que os efeitos podem ser auto-eco-reguladores das suas supostas causas dentro de um sistema complexo e de que os observadores podem modificar, pela via interativa, o que estão a observar, criou um novo marco epistemológico para apreender o fenómeno turístico como um campo científico cujo objeto interdisciplinar é composto pela integralidade e circularidade presente no ecossistema turístico.

## Referências

- Beni, M. C. (1998). *Análise Estrutural do Turismo*. Ed. São Paulo: SENAC.
- Borh, N. (1924). *The theory of spectra and atomic constitution*. 2ª ed. Copenhagen, Dinamarca.
- Bruyne, P. et al. (1977). *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

- Bunge, M. (2000). Systemism: the alternative to individualism and holism. *The Journal of Socio-Economics* 29, 147-157.
- D'Ambrosio, U. (1997). *Transdisciplinaridade*. São Paulo: Palas Athenas.
- Japiassu, H. (2002). *Introdução às Ciências Humanas*. Letras & letras. São Paulo.
- Jafari, J. (1983). Anatomy of the travel industry. *Cornell Hotel and Restaurant Administration Quarterly*, Vol.24, Nº1, p.77, May.
- Kuhn T. (1970). *A Estrutura das Revoluções Científicas São Paulo*. Ed. Perspectivas.
- Lanquar, R. G. (1984). Nouveaux patrimoines, nouveau tourisme. *Tourism Review*. 39. 12-16. 10.1108/eb057905.
- Leiper, N. (1979). The framework of tourism: towards a definition of tourism, tourist and the tourist industry. *Annals of Tourism Research*. 6 (4), 390-407.
- Lukács, G. (1978) As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem. In. *Revista Temas de Ciências Sociais*, 3. São Paulo: Editora Ciências Humanas.
- Moesch, M. (2000) *A produção do saber turístico*, 2ª Ed. São Paulo: ALEPH.
- Moesch, M. (2004) *Epistemologia Social do Turismo*. Dissertação Doutorado. ECA/USP. São Paulo.
- Morin, E. (2000a). *A inteligência da complexidade*. Le moigne, Jean-Louis. São Paulo: Fundação Peirópolis.
- Morin, E. (2000b) *Ciência com Consciência*, 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2002a). *O Método I: a natureza da natureza*. Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (2002b). *O Método IV: as ideias*, 3ª Ed. Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (2002c). *O Método 5: A humanidade da humanidade: a identidade humana*. Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (1986). *Para sair do Século XX*. RJ:Nova Fronteira. Nicoloescu, B. et al. (2000). Educação e transdisciplinaridade. Tradução Judite Vero, Maria F. De Mello e Américo Sommerman. Brasília: UNESCO.
- Noschang, J. (2014). *O modelo teórico SISTUR diante da complexidade do fenômeno turístico*. Dissertação de Mestrado. UNB/Mestrado em Turismo.
- Parsons, T. (1951). *The social system*. Psychology press.
- Santos, B. S. (2002). *A crítica da razão indolente, para um novo senso comum*. 4. ed. São Paulo: Cortez.
- Smuts, J. C. (1996). Holism and evolution. New York: *The Gestalt Journal Press* (Original de 1926).
- Weil, P. (1993). *Rumo à nova transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento*. Ubiratan D'Ambrosio, Roberto Crema. São Paulo: Summus.
- Wiener, N. (1989) *The human use of human beings cybernetics and society*. 5ª edição. Free Association Books 26. London.